

**O pensar mítico na paradigmática narrativa presente na obra de Kaká Werá Jecupé,
"As Fabulosas Fábulas de Iauaretê"**

Clarissa Montiel Guedes – BicMultidisciplinar – claramaitri@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

O presente trabalho apresenta um estudo, tendo como mote a questão da paradigmática narrativa na obra *As Fabulosas Fábulas de Iauaretê* (2007), de Kaká Werá Jecupé. Autor do primeiro livro publicado individualmente no Brasil (*Oré awé roiru'a ma – Todas as vezes que dissemos adeus*), o indígena Jecupé outorga o “lugar de fala” à uma classe periférica, um grupo étnico não hegemônico, reivindicando a autoria de uma literatura escrita permeada de novas epistemologias do saber (SANTOS, 2006), a reinvenção de si e dos seus, pela palavra escrita. Partindo das *Fabulosas Fábulas*, Kaká Werá pretende ressignificar aos “nossos” olhos, de posse do “jeito ancestral”, as funções atribuídas à mitologia zoológica que remonta às origens das culturas kadiweu, bororo, munduruku e tupi.

Esse imaginário existente na coletividade brasileira, transcrito na obra do autor, acerca de personagens imemoriais, como o homem onça-rei Iauaretê, traz embutido o senso de manutenção do *ethos* social e da comunidade, o que reforça seu papel como *corpus* literário. São nas palavras do autor, “histórias em que o vento fala, (...) as árvores ensinam, as entidades míticas participam da vida humana e a magia é uma coisa cotidiana – sem ser Harry Potter”(p.84). Dessa forma, abre-se um percurso ainda inexplorado, a releitura da realidade, que é o mapeamento de redes de significação em torno de diferentes temas que expressam e legitimam valores culturais da ordem social indígena, integrantes de sua realidade empírica. Assim, temos problematizado a razão ou o *logos* grego do conceito de mito, o qual argumenta sobre a irracionalidade das narrativas míticas e o pertencimento ao mundo do não empírico. Ao processo de “colonização cultural” (COLOMBRES,2005, p.39), vemos nas *Fabulosas Fábulas* a desobediência epistêmica de Kaká Werá, que tende a desafiar as oposições “bem versus mal”, “divino versus humano”, “homem versus animal”, entre outras, desestabilizando assim o discurso do *logos* da razão ocidental. Nesse novo momento, pretende-se refletir que o sentido da história encontra-se em sua discursividade, que vai transformando o indígena, de objeto da imagem, em sujeito do olhar.

Segundo afirma José Jorge de Carvalho (2001): “Na perspectiva pós-colonial, a questão já não é apenas a voz nativa, como a do outro diferente, mas o reconhecimento de condições históricas e políticas de construção de alteridades submetidas a um regime colonial de subalternidade” (Pg.128). Podemos constatar isso tanto no que se refere à literatura indígena quanto à relação intertextual de outras obras com narrativas e modos de narrar indígenas. Na versão primorosamente narrada em *Meu tio, o Iauaretê*, de Guimarães Rosa, o autor desce às profundezas do insulto racial e expõe os limites do universalismo ocidental. Vemos ali uma sociedade rural marcadamente hostil à sua herança indígena, a qual vai se desvelando pela voz de Macuncôzo, filho de um homem branco e uma índia, um onceiro que é “nenhum”, é sozinho, e por fim vai transfigurando-se em onça, ou seja, vai perdendo seu substrato humano, e aos poucos tornando-se animalizado.

REFERÊNCIAS

- COLOMBRES, Adolfo. Teoria Transcultural del Arte, Buenos Aires, Ed del Sol, 2005.
- DALCASTAGNÉ, Regina e THOMAS, Paulo C. (orgs). MATA, Anderson L. da, Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo, Horizonte, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Souza. A Gramática do tempo: Para uma nova cultura política. Ed.2. SP, Cortez, 2006.
- CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n.15, p. 107-147, julho de 2001.